

Leonardo Gandolfi*

Universidade Federal de São Paulo

Enterrem meu coração no Ramelau e outros poemas de Jorge Lauten do Timor-Leste

Resumo: Apresentação dos dez poemas conhecidos de Jorge Lauten, autor timorense cuja biografia é desconhecida até o momento.

Palavras-chave: Timor-Leste, Jorge Lauten

Abstract: Presentation of the ten published poems of Jorge Lauten, author of East Timor whose biography is so far unknown.

Keywords: East Timor, Jorge Lauten

Há mais de vinte anos, eu topei com a coletânea *Primeiro livro de poesia*, organizado por Sophia de Mello Breyner Andresen. Um livro que, de forma não cronológica e sem divisões internas, trazia poemas escritos em língua portuguesa de autores e autoras de diversos países. Poemas anônimos tradicionais, poemas de Noémia de Sousa, Camões, João Cabral de Melo Neto e, entre tantos outros, poemas de Jorge Lauten.

De todos os textos do livro, os dois que mais me chamaram atenção foram justamente os dois poemas assinados por Jorge Lauten. Neles, como nunca eu tinha visto, encontrei a língua portuguesa em uma fatura oriental. Digo isso porque, naquele momento, eu, jovem estudante de Letras e aspirante à poeta, estava descobrindo a poesia oriental, vibrando com poetas chineses e japoneses, cujas traduções dos poemas eu colecionava. Vibrava com Li Po (hoje a transliteração do mandarim ensina que seu nome é Li Bai). Vibrava com Matsuo Bashō, poeta japonês do século XVII, que Leminski tinha me ensinado a ler. Por causa do uso objetivo da primeira pessoa, por causa do uso bem concreto das imagens, por causa de mil outras coisas, poetas orientais traduzidos para o português davam uma ideia, para mim, das grandes diferenças entre tradições, das grandes diferenças entre dicções culturais.

Assim, uma leitura – por meio de traduções – de certa poesia oriental acabava por abrir a cabeça em relação aos sentidos do poético, ampliando horizontes. Por isso, fiquei em choque quando li aqueles dois poemas de Jorge Lauten. Fiquei em choque, porque

eles mobilizavam de certa forma tudo o que eu via nas traduções para o português de muitos poetas chineses e japoneses, mas mobilizavam isso sem o registro da tradução e sem os diferentes graus de artificialidade que traduções, tanto as boas quanto as ruins, podem provocar. Aqueles dois poemas não estavam nem dublados nem legendados, eu os estava ouvindo em toda sua estranheza e força.

Comecei uma busca por Jorge Lauten. Não achei seus poemas em nenhuma biblioteca naquele momento, mas fui encontrando um ou outro poema na web. A web há vinte anos era outra. Não havia tantas revistas acadêmicas eletrônicas. Mas descobri que seus poemas faziam parte de uma antologia de poesia timorense de nome *Enterrem meu coração no Ramalau*, editado em 1982, em Luanda, pela UEA (União dos escritores de Angola).

Ainda sem encontrar a antologia de 1982, consegui mais três poemas e todos eles confirmavam que eu estava diante de algo excepcional, porque ali estava em jogo uma ideia muito forte de poesia, que envolvia de uma só vez coisas que sempre estão interligadas, isto é, questões formais, políticas e de memória da língua.

Fui tentando me inteirar sobre Jorge Lauten, sobre o contexto de escrita desses poemas. Timor-Leste é parte de uma pequena ilha localizado no Pacífico entre Indonésia, Austrália e Papua-Nova Guiné. Além da colonização portuguesa, Timor-Leste foi invadido pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial, e só voltou a domínio português com as bombas nucleares explodidas no Japão no fim da guerra. Depois, em 1975, com a saída dos portugueses depois do 25 de abril, houve a independência nacional e, logo a seguir, a invasão e ocupação indonésia. Invasão devastadora e sangrenta que se deu no contexto de guerra fria, e o suposto receio da ditadura indonésia de Suharto (1921-2008) que o território vizinho (a outra metade da ilha onde se encontra o Timor é território indonésio) se tornasse um estado comunista. Apenas em 2001, depois de muitos massacres organizados ou financiados pelo governo indonésio, em que se estima que houve até 300 mil timorenses mortos, o Timor-Leste se tornou um país independente. Eu narro (ainda que de forma apressada) este percurso histórico, porque os poemas de Jorge Lauten têm como contexto, sobretudo, a invasão indonésia.

Outro fato que foi decisivo para mim: Jorge Lauten é um poeta não identificado, anônimo, misterioso. Não há foto, nem biografia, não há datas de nascimento nem de morte, se bem que se especula que tenha sido assassinado durante a invasão indonésia. E mesmo seu sobrenome é o nome do município de Lautém, uma das mais orientais do Timor-Leste. Nas duas referidas antologias, o sobrenome de Jorge aparece como Lauten, mas, em depoimentos do escritor timorense Luís Cardoso, o poeta é citado como Jorge Lautém. E parte das referências, em artigos sobre a literatura do Timor-Leste, em revistas acadêmicas mais recentes, também menciona o sobrenome do poeta como Lautém.

Os anos foram passando, mas nunca me esqueci desses cinco poemas de Jorge Lauten que guardei comigo e do mistério de sua presença. Por ocasião da entrega do prêmio Oceanos em 2021 ao já referido escritor timorense Luís Cardoso, assisti a uma

entrevista em que ele conta a história em que Sophia de Mello Breyner – diante do espanto do anonimato de Jorge Lauten – pergunta a Cardoso se Jorge Lauten não é ele; ao que Cardoso diz que não. Como se, nesse anonimato, Lauten encarnasse aquela máxima de o poeta se tornar poema. A questão é que tal metamorfose, nesses poemas, tinha um preço alto.

Bastou tal anedota para eu reiniciar minha diletante busca pelos poemas de Lauten. Encontrei mais um. E logo em seguida me deparei finalmente com um exemplar de *Enterrem meu coração no Ramaleu*, antologia com poemas tradicionais do Timor-Leste traduzidos para o português e mais oito poetas que escrevem em língua portuguesa. O último poeta da antologia é Lauten e a totalidade de seus poemas é dez. E são apenas esses os poemas conhecidos do autor. Um poeta cuja poesia publicada é de apenas dez poemas.

O nome da antologia de poetas do Timor-Leste é uma referência ao livro *Enterrem meu coração na curva do rio*, livro de 1970 do norte-americano Dee Brown que trata da expansão do oeste dos Estados Unidos a partir da destruição de povos indígenas durante o século XIX. *Enterrem meu coração no Ramelau* é o título da antologia de poetas timorenses, e é também o título do mais longo entre os dez poemas de Jorge Lauten, título que cria uma analogia entre a perseguição que os Estados Unidos fizeram aos nativo-americanos e a perseguição que a Indonésia fez aos timorenses. Ramelau é o nome do monte mais alto da ilha do Timor e lugar sagrado. Segundo uma das tradições locais, quando um timorense morre, o espírito vai para o Tatamailau, ponto mais elevado do monte Ramelau, de quase 3000 mil metros de altura.

Na antologia publicada em Luanda, há o crédito a Amável Fernandes como responsável pela “recolha de textos”. Em buscas por seu nome, há um artigo assinado por ele, em coautoria com o poeta David Mestre, sobre a poesia de Agostinho Neto. E há referências, em contexto angolano, ao seu nome tanto como “estudioso de ciências sociais”; quanto como “antigo comissário político das FAPLA, o braço armado do MPLA entre 1974 e 1991”. O que só aumenta o mistério sobre a origem dos poemas de Jorge Lauten, único poeta sem biografia da antologia.

Mais recentemente, entre as escassas presenças da poesia de Lauten em artigos acadêmicos, destacam-se referências pontuais em estudos panorâmicos sobre a literatura timorense. A seguir, um trecho de “Literatura timorense: da emergência à legitimação”, de Ana Margarida Ramos, sobre o livro *Enterrem meu coração no Ramelau*:

Claramente dominado pelas ideias de resistência face ao invasor, o volume em questão tem o condão de juntar autores de diferentes tendências e orientações políticas, assim como dar voz a alguns dos mais notáveis poetas timorenses da altura, com especial destaque para Fernando Sylvan, Xanana Gusmão e, sobretudo, Jorge Lauten, pseudônimo cuja identidade real se mantém, até hoje, desconhecida.

Os textos deste último autor aqui publicados, incluindo o que empresta nome ao volume,

destacam-se pela criação de um conjunto de sugestões emotivas muito fortes, quase todas evocando o sofrimento por uma pátria ocupada e ferida. A dor da ausência, em resultado do exílio em Portugal, combina-se com a saudade e o desespero de saber que, lá longe, há infelicidade. Fortemente metafórica, a sua poesia é a que melhor consegue superar os constrangimentos contextuais, abrindo possibilidades de leitura que ultrapassam o elogio dos valores de resistência e os desejos de liberdade, não ficando circunscrita – apesar das alusões referenciais – a uma leitura puramente contextual. (Ramos 2012: 151-152)

No trecho, além de se destacar o fato de ser um pseudônimo de identidade desconhecida, há um esboço de encaminhamento de leitura que vê, a partir dos poemas, um “exílio em Portugal” e também “possibilidades de leitura que ultrapassam o elogio dos valores de resistência e os desejos de liberdade”. Ou seja, Ramos acaba por dar a ver certo preconceito contra poesia feita em situação de guerra: “constrangimentos contextuais”. Constrangimento que revela o quanto o engajamento (relação com o referencial) iria na contramão de valores poéticos. Mas na leitura de Ramos, a poesia de Lauten superaria tal problema.

Já em “As relações literárias na lusofonia: a rede de solidariedade para Timor”, Suillan Miguez Gonzalez faz uma afirmação biográfica importante sobre Lauten: “Há de se lembrar do desaparecimento do poeta Jorge Lautém pelo advento da invasão e tantos outros talentos ceifados pela brutalidade dos soldados de Suharto, e outros falecidos precocemente como o elevado poeta Fernando Sylvan e Borja da Costa” (Gonzalez 2015: 32).

Neste mesmo artigo, Gonzalez cita um trecho revelador de autoria de Joana Ruas:

Em contacto com o povo de Timor-Leste, já na sua causa de libertação nacional, compreendi que, como cada um deles, eu era parte de uma *almamundo*. O episódio que mo revelou passou-se do seguinte modo: preparando uma conferência sobre identidade e luta de libertação nacional, a minha abordagem incidiu sobre os seus poetas que se exprimiram em língua portuguesa. Um desses poetas, Jorge Lautém, mereceu a minha especial atenção não só pelos seus poemas impregnados de uma cultura profundamente oriental, hinduísta, mas sobretudo pelo facto de Jorge Lautém ter sido um dos que desapareceu durante a invasão para não mais ser visto. Fiquei com essa dor no coração, a dor pelo seu sofrimento e pela sua morte, pelo seu génio tão precocemente ceifado. Na esperança de ter notícias suas, sempre que me encontrava com timorenses perguntava por ele e obtinha deles esta resposta enigmática: Jorge Lautém é você. Como é normal entre nós, eu desfazia o engano afirmando a minha identidade. Como insistissem, encarei esta atitude como um enigma posto não só à minha inteligência, como ao meu sentimento e à minha cultura. Uma vez, ao lembrar o assassinato de Sebastião Gomes Rangel, um estudante de 18 anos cujo funeral desencadeou o massacre de Santa Cruz, espantou-me que muitos deles me respondessem, o Sebastião sou eu (Ruas *apud* Gonzalez 2015: 43-44, grifos da autora)

Joana Ruas convoca uma leitura anímica de certa identidade timorense, em que as identidades individuais se dissolvem. Tal posicionamento colabora, a meu ver, para uma leitura da poesia de Jorge Lauten. Quanto mais ligada aos eventos históricos e tradicionais da cultura timorense, mais sua poesia vai em direção análoga a uma tradição moderna poética que descentraliza o sujeito poético e que, a princípio, entraria em conflito com certa concepção de poesia combativa que aposta na integridade elocutória e até heroica. Se “eu é um outro”, “Jorge Lautém é você”.

Este meu texto (mais depoimento do que artigo) deseja – de modo entusiasta e não especialista – disponibilizar os poemas de Jorge Lauten. A seguir, estão transcritos os dez poemas de Lauten, e, ao fim, acrescento uma espécie de combinação de glossário e pequenas notas que tentam dar conta de algumas referências contextuais mais imediatas dos poemas.

Há com certeza muita informação sobre os poemas e sobre a figura do poeta a que não tive acesso ou mesmo informações que eu não soube ler. Relacioná-los a uma mitologia timorense e a fatos históricos mais precisos pode levar a leitura desses poemas a inúmeros desdobramentos. Há a temporalidade em seus versos que não é apenas a dos primeiros anos de resistência à invasão indonésia; remonta a antes de Antonio Pigafetta, escritor e assistente de Fernão de Magalhães em sua viagem colonial pelo oriente (XVI).

Em um poema, é a própria ilha quem fala. Noutro, é um guerrilheiro assassinando um invasor indonésio. Noutro, um galo (a rinha é um dos esportes da ilha) se dirige ao centro da batalha. Noutro, o primeiro que li dele (na antologia da Sophia), há a menção ao épico sânscrito Ramahyana, texto central para o hinduísmo, e há a menção à árvore de Bô (árvore de Bodhi), sagrada tanto para os hindus quanto para os budistas. Foi sob a sombra de suas folhas que Buda teria atingido a iluminação.

A figura do poeta não necessariamente se metamorfoseie em ilha ou em galo, mas entre eles não há diferença substancial. Ou seja, aquilo que há em comum entre eles é o que faz o poema ter voz. Enfim, a seguir, estão seus versos: eles falam por si mesmos. Que mais pessoas possam lê-los, entendê-los, estudá-los em toda sua complexidade, beleza e força. Por falar em força, por falar em beleza, há um poema, um quase haicai, que justapõe búfalo e borboleta. Uma boa imagem para dar a ver o impacto que causa a poesia de Jorge Lauten. De uma só vez, búfalo e borboleta.

Poemas

Enterrem meu coração no Ramelau

1

Que faço eu neste quarto de madeiras húmidas neste país distante? As pálpebras apertam-se como duas lâminas e impedem-me o sono. Lá longe, no país de Timor, na profundidade do mar, o molusco bivalve abre docemente os lábios e serve os últimos resíduos de luz.

Oh, assim também eu gostaria que esta memória não me afogasse em catadupas.

2

Entreabro os olhos. Os eléctricos passam como gaiolas acesas desertas nestas ruas secundárias de Lisboa. Morre-me o intento de abrir as venezianas à luz da madrugada. Cambaleio no quarto. Na minha mão um frasco de perfume barato comprado num drugstore de Austrália. Oh, sei que adorarias este perfume, e estou a ver-te recebê-lo com o teu sorriso adolescente. Adorarias este perfume, Elisa, se estivesses viva, se não te tivessem metralhado o peito, o desenho duma borboleta de sangue sobre os seios morenos.

3

Oh Suharto, mira-te as últimas vezes no mármore preto do chão do teu palácio. Terás a morte na sauna do teu sangue. Esqueces que a alma de Timor é uma couraça, esqueces que somos filhos do grande crocodilo que cruzou o oceano.

4

O Tata Ramelau volatizou-se no nevoeiro de gás. O seu espírito espera-vos, soldados doutras pátrias, em cada esquina de Dili, em cada curva da estrada, em cada pastilha elástica que mastigam suados de medo.

5

Estou aqui e penso: nem a morte nos pode juntar: vocês morrem pela ordem e pacificação na 27ª província e nós morremos pela nossa pátria independente.

6

Ainda me lembro em fins de Novembro, uma criança corria na areia fina da praia de Dili: que vento lhe apagou as pegadas de criança?, que morte lhe tolheu os passos? A todos os refugiados do Jamor perguntei por este meu filho de olhos cor de Timor. Em cada rosto um mapa de passos perdidos nas rugas de areia dos exilados.

7

Abro o armário de madeira húmida e visto uma camisa lavada que me deram em Port Darwin.
Abro a porta para a terra estrangeira e o frio de Janeiro corta-me a pele. Fecho a porta como se enterrasse o meu coração no cume do Ramelau.

Nesta fotografia amarela

Nesta fotografia amarela
 está meu tio com a velha carabina Winchester
do Pelotão de Polícia da Fronteira
 de Bobonaro
Recorda-te quando passávamos no bairro Lahane
 e olhavas desdenhoso para as moradias
 insultando os seus habitantes
 no teu português de Bidau

Talvez um pouco bebido
talvez um pouco revoltado

 Contavas as batalhas contra os japoneses
 desde aquele dia em que veio
 o estrangeiro de Koepang

Estrangeiros eram eles todos
era isso que me querias dizer
e eu menino de livros da Companhia de Jesus
não te compreendia

 nessas tardes quentes
 só o toque
 te respondia com o seu grito estrídulo
na imensa ignomínia das casas
 de varandas sombreadas
da servidão

Não mais sob a árvore de Bô

Não mais a pureza de Ramahyana
o incenso e o sândalo
os pés nus nas pedras do templo

enquanto eles comerem na minha mesa
na velha casa de Dili
Não mais me sentarei sob a árvore de Bô

Pequena ode para Nicolau Lobato

Não sei exatamente o dia nem a hora
em que morreste. Não sei o lugar do último
acampamento

Mas tenho a certeza que os peixes coloridos
do meu mar de memória
se atiraram doidos
e se mataram nos corais
da minha mágoa

Toda a noite os tambores *bobodoks*
tocaram
e
belas borboletas caíram de asas
iridescentes
estilhaçadas

Lâminas nos pés

O meu galo tem crista vermelha
ágil com lâminas relampejantes
nos pés

Acorda-me a cantar na madrugada
na região amada de Lospalos
Com lâminas relampejantes nos pés
dirijo-me ao centro
da batalha

Exílio

O búfalo com chifres de prata
poisa no nenúfar
no nenúfar do exílio
búfalo ou borboleta

Juntem os nossos ossos

Juntem os nossos ossos
dispersos há séculos
desde as planícies de Alas a Bilibuto
dos sopés de Ainaro a Lete Foho

Juntem-nos

empilhem-nos osso sobre osso
como escadarias brancas
subireis então
soldados de Djakarta
de degrau em degrau
até ao Tata Mai Lau...

Não pisará Timor

Nasceu nas barracas do Kampang
deixou talvez uma mulher grávida
a chorar nas escadas de Borobudur

Era o primeiro na fila estreita
dei-lhe um só tiro
porque são escassas as munições

Tirei-lhe dos pés as botas de cabedal
não subirá com elas os degraus de Borobudur
nem pisará com elas
a terra sagrada de Timor

A minha casa na ponta leste

Em refúgio de eterna
monção
um espírito suspira
no telhado
sob a lua de sândalo
a meu lado uma criança
dorme
sonha
com a bela *mutissala*
de coral
nos pulmões
independentes

embaixo
na erva alta
serpentes
rastejam
como indonésios

Circun-navegação da dor

Repouso sob o bambu
antigo dos ossos
pelas hastes antes de
Pigaffeta
fazer a circun-navegação
da minha dor

Uma mulher de olhos silenciosos
traça os *cambatics*
fibra a fibra
circun-navegação
de Timor

Glossário

Ramelau: A mais alta das montanhas do Timor-Leste. Também conhecido como Tata Ramelau, seu ponto mais alto se chama Tata Mai Lau e atinge cerca de 3000 metros de altura.

Suharto (1921-2008): Hadji Mohamed Suharto, ditador que governou a Indonésia de 1965 a 1998, responsável pela brutal invasão do Timor-Leste, em 1975, na qual morreram cerca de 200 mil timorenses.

27ª província: Ao ser invadido pela Indonésia, Timor-Leste foi incorporado como a 27ª província do estado indonésio.

Dili: Capital do Timor-Leste.

Port Darwin: Porto australiano mais próxima da Ásia, voltado para o mar do Timor.

Bobonaro: Município administrativo do Timor-Leste, localizado na zona ocidental do país, junto à fronteira com a Indonésia.

Lahane e Bidau: Bairro nas proximidades da capital de Dili.

Koepang: Capital do Timor Ocidental, na Indonésia.

Nicolau Lobato (1946-1978): Primeiro-Ministro da República do Timor-Leste e, em seguida, Presidente da República e Comandante das Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste. Liderou a resistência à invasão indonésia a partir de 1975 ao Timor-Leste. Em 31 de dezembro de 1978, Nicolau Lobato morreu em combate no vale de Mindelo, entre Maubisse, Turiscai e Manufahi, desconhecendo-se até hoje onde estará enterrado. As forças militares ocupantes indonésias distribuíram de avião milhares de fotos do seu cadáver para desmobilizar, em vão, a resistência do povo timorense.

Bobodok: Tipo de tambor timorense.

Ramayana: Épico sânscrito atribuído ao poeta Valmiki, parte importante da tradição hindu. A partir do século VIII, começou a colonização do sudeste asiático pelos indianos. Vários grandes impérios, como os Khmers, Império de Majapaite, os Sailendras, os Champas e Império Serivijaia, se estabeleceram. Por causa disso, o Ramayana se tornou popular no sudeste asiático.

Lospalos: Cidade de Timor-Leste, 248 km a leste de Dili.

Alas, Bilibuto, Ainaro, Lete Foho: Localidades no Timor-Leste.

Djakarta: Cidade localizada na ilha de Java e capital da Indonésia.

Kampung: Na Indonésia, termo que geralmente se refere à “aldeia”, que é o oposto da chamada “cidade” conhecida como “kota”.

Borobudur: Templo budista situado na ilha de Java, Indonésia.

Mutissala: Colar tradicional usado no Timor e outras ilhas próximas; era usado como mercadoria por comerciantes indianos, malaios e chineses, que o trocavam nas ilhas por sândalo.

Antonio Pigafetta (1491–1534): acompanhou Fernão de Magalhães em sua viagem ao redor do mundo. Durante o confronto em que Magalhães foi morto nas Filipinas, Pigafetta foi um dos feridos. Porém, conseguiu se recuperar e estava entre os dezoito sobreviventes que retornaram à Espanha, três anos após a partida. Pigafetta retornou à Itália, onde relatou as suas experiências na obra *A primeira viagem ao redor do mundo*, composta em italiano e publicada em Paris em 1525.

Cambatic: Tecido de ramagens importados de Java ou de Singapura (decorado pelo processo do batik, cera aplicada no tecido a tingir) que as mulheres timores usam enrolado à cintura.

NOTA

* Leonardo Gandolfi é professor adjunto de literatura portuguesa na Universidade Federal de São Paulo. É autor, entre outros, dos livros de poemas *A morte de Tony Bennett* (Lumme Editor, 2010) e *Robinson Crusóe e seus amigos* (Editora 34, 2021). Organizou a antologia de Manuel António Pina *O coração pronto para o roubo* (Editora 34, 2018) e publicou o ensaio *Manuel António Pina* (Eduerj, 2020), livro da coleção Ciranda de Poesia. Em 2015, idealizou a Luna Parque Edições, ao lado de Marília Garcia, com quem também editou os quatro números da revista Grampo Canoa. Possui Doutorado em Literatura Comparada pela UFF, com a tese “Entre Carlos de Oliveira e João Cabral de Melo Neto – errar a paisagem” (2012) e Mestrado em Literatura Portuguesa na mesma universidade (2007), obtido com a dissertação “Mundo comum e povoamento da paisagem: ler com *O aprendiz de feiticeiro* de Carlos de Oliveira”.

BIBLIOGRAFIA

- Andresen, Sophia de Mello Breyner (1996), *Primeiro livro de poesia*, 4ª ed., Lisboa, Caminho.
- Gonzalez, Suillan Miguez (2015), “As relações literárias na lusofonia: a rede de solidariedade para Timor”, *Verbum*, n. 8.
- Ramos, Ana Margarida (2012), “Literatura timorense: da emergência à legitimação”, *Caderno Seminal Digital*, Ano 18, n. 18, v. 18.
- Ruas, Joana (2009), “Aproximar o distante – do estranho ao familiar, duas experiências: Timor Leste e Guiné-Bissau”, *Revista de Cultura*, Fortaleza, São Paulo. n. 7.
- Vários (1982), *Enterrem meu coração no Ramelau*, Luanda, UEA.